

# Quanto Fidel Castro Já Custou a Cuba

MARINO DE MEDICI

*Correspondente de IL TEMPO de Roma nos Estados Unidos e na América Latina*

Um jornalista italiano apresenta excepcional retrato de Cuba “libertada”

**U**M CARTAZ e um homem gordo de camisa-esporte—representante da Seção de Imprensa do Ministério do Exterior—receberam-me no Aeroporto Internacional José Martí em Havana. O cartaz dizia: “Bem-Vindo ao Território Livre da América.” O homem disse: “Em primeiro lugar, troque todos os seus dólares por pesos”—à taxa do câmbio oficial de um dólar por pêso, taxa ridícula visto que um dólar vale seis pesos no mercado negro.

O meu acompanhante levou-me para Havana num Cadillac rabo-de-peixe de 1959. “Tiramos êste carro nôvo em fôlha da vitrina da General Motors”, disse êle. “Não foi comprado, naturalmente. Foi apreendido com outros bens americanos.”

Depois, naquela noite, o meu nôvo companheiro levou-me para jantar no luxuoso Restaurante La Torre,

no alto de um edifício moderno de 39 andares. Éramos os únicos fregueses, cercados por três garçons, dois *barmen* e três tocadores de viola, dêsses que vêm tocar junto do freguês. Fazia calor e, como no meu quarto do hotel, o ar condicionado estava desarranjado. Ao fim da refeição, apareceu um charuto, cortesia da casa, o Govêrno de Cuba.

Várias vêzes, nas duas semanas seguintes, fui levado no Cadillac para ver as coisas que o govêrno queria que eu visse. Mas a maior parte do tempo fiquei por minha conta e vi o que tinha ido ver—o que aconteceu ao povo de Cuba durante os oito anos desde que Castro subiu ao poder, prometendo “eleições livres, liberdade de palavra, liberdade de imprensa e uma constituição inteiramente democrática”. Como se estavam dando?

“**Estudo, Trabalho e Armas**”. A penetração do govêrno no espírito dos moços chama a atenção imediatamente. Mais de 100 000 jovens recebem atualmente bôlsas especiais para estudar sob rigorosa fiscalização. Os pais que recusam entregar os filhos podem ser privados de seus cartões de racionamento. Exemplo típico da nova geração criada dentro do amplexo da revolução é Dolores C., de 19 anos. Filha de *campesinos*, tinha 11 anos quando Castro desceu das montanhas em 1959. As autoridades logo a levaram para Havana e empanturraram-na de filosofia marxista e de ódio ao “imperialismo americano”. A doutrinação impregna até os seus conceitos românticos. “Quero um homem que tenha as mesmas idéias políticas que eu tenho”, disse-me ela numa reunião da juventude. “Do contrário, de que é que iremos conversar depois de nos amarmos?”

Na primeira manhã que passei em Havana, passei pela Quinta Avenida, marginada de palmeiras, no coração do bairro outrora elegante de Miramar. Ali as vilas de telhados vermelhos e as residências “coloniais” brancas foram transformadas em dormitórios para rapazes e môças que sofrem incessante doutrinação. A vista daqueles meninos de uniforme azul-claro, marchando e fazendo exercícios, foi um choque para mim —fêz-me voltar súbitamente aos tempos da Itália Fascista em que eu também, quando criança, era forçado a marchar com uma organização

depois da escola. “Estudo, trabalho e armas” é o lema dos estudantes cubanos. Na Itália era “Livros e Armas”.

Tão evidentes como os estudantes são os russos e o pessoal do bloco soviético—em número de cêrca de 8 000. (Cuba continua orlada de dezenas de mísseis antiaéreos soviéticos que exigem ajuda técnica e construção militar.) Os russos são claros, robustos e têm saudades da sua terra. São reservados e usam calças largas, camisas-esporte de xadrez de mangas curtas e sapatos de bico fino.

**Conhaque com Amargura.** Duzentos mil cubanos no mínimo se inscreveram para sair da pátria desde dezembro de 1965, quando Castro resolveu abrir as portas. Sessenta mil já o conseguiram e estão na sua maioria em Miami. Os outros nada podem fazer senão guardar silêncio, esperar—e ter esperança. Um dos que esperam é José M., homem de negócios. Conheci-o num dilapidado bar da Avenida de Itália, onde uma garrafa de conhaque espanhol é vendida a varejo por 36 pesos—mais da metade do salário semanal do *barman* que me serviu.

José inscreveu-se para sair há 11 meses. Foi levado imediatamente a uma repartição do Exército, onde uma miliciana o interrogou demoradamente. Por que queria sair? Lera alguma vez jornais ou livros estrangeiros? Era sexualmente normal? Daquele dia em diante, não pôde retirar um só pêsso das suas economias do banco. Ao contrário de mui-

tos outros, tinha bastante dinheiro no bolso para manter-se durante alguns meses. Mas não tem certeza de que algum dia o deixem sair.

Viver em Cuba é esperar, com a esperança angustiada de não se ficar velho demais para começar a vida de nôvo.

**Fila em FrutiCuba.** Cuba constitui uma convincente demonstração da durabilidade dos carros americanos. Desde 1959 não chegam carros novos à ilha. Apesar disso, veículos enferrujados e crepitantes enchem as ruas, muitos deles com velocímetros que ultrapassaram a marca dos 650 000 quilômetros. Viajar num táxi Oldsmobile 1938 é uma aventura especial. Quando o carro pára num sinal vermelho, tremendo e chocalhando, uma nuvem azulada de fumaça da descarga sobe do chão e faz arder as narinas e a garganta da gente. Conseguir peças para êsses veículos antigos é coisa que exige verdadeira habilidade latina. Para evitar uma interminável espera, pode-se comprar no mercado negro, mas o preço será muito alto—no mínimo 80 pesos por um pneu usado aceitável. A gasolina de baixa qualidade custa agora 16 centavos de dólar o litro, em comparação com uns nove centavos de dólar nos tempos anteriores a Castro.

Para os 8 000 000 de habitantes de Cuba, quase tôda a comida é racionada. Cada pessoa tem direito a cêrca de quilo e meio de arroz e seis latas de leite condensado por mês, 200 gramas de carne e 50 gramas de

café por semana. Leite fresco é só para as crianças. Recomenda-se aos adultos que comam espaguete, macarrão e *pizzas* feitos com trigo russo e canadense.

Seja o que fôr, os cubanos têm de esperar por aquilo que querem. A ilha produz frutas e verduras em abundância, mas pouco disso chega às cidades, e as filas à porta dos armazéns nacionalizados FrutiCuba são comuns, dia e noite. A produção do café havia alcançado 50 000 toneladas métricas em 1962; hoje em dia, em parte devido aos esforços de Castro para cultivar a cana para exportar açúcar, caiu para cêrca da metade. A produção de arroz, de fumo e de milho foi também gravemente prejudicada.

A escassez não se limita aos alimentos, e as colunas de anúncios classificados dos jornais são uma triste prova disso. As mulheres examinam os anúncios à procura de artigos como "*soutiens* de segunda mão" ou "um vestido de casamento com pouco uso". Sabonete, detergentes, pasta de dentes e outros artigos de toucador estão racionados. Ternos de algodão malfeitos custam 100 pesos—muito mais da metade do salário mensal de um trabalhador médio. A produção bruta de mercadorias e serviços do país deixou de subir em 10 anos e a receita anual per capita desceu de 445 pesos para 380, segundo as estimativas.

**O Irmão Grande Vê Tudo.** Cuba é uma Sibéria tropical. O espectro dos campos de trabalho forçado—

Unidades Militares para Ajuda à Produção, ou UMAP—para sobre milhões de cubanos. Os campos das UMAP foram instituídos em fins de 1965 e encerram atualmente, segundo alguns cálculos, 80 000 pessoas. Aí os recrutas têm de passar um mínimo de 24 meses cortando cana ou trabalhando no campo 10 horas por dia, sob a guarda de soldados armados. Ganham sete pesos por mês, vivem em cabanas sórdidas e suportam tôdas as noites duas horas de doutrinação comunista.

As pessoas falam sobre os campos com um medo visível. Quase tôdas podem citar um parente ou um amigo que foi internado. O marido de uma senhora que eu conheci está num campo em Camagüey há mais de um ano. Enquanto isso, ela trabalha para sustentar os filhos. “É difícil para mim”, diz ela. “Mas meus filhos são os que mais sofrem. Esqueceram o pai.”

Além dos recrutas dos campos das UMAP, há talvez 50 000 prisioneiros políticos em prisões como a tristemente famosa fortaleza de La Cabaña, em Havana. La Cabaña é cercada de fossos. Os apelos da Cruz Vermelha Internacional e da Organização dos Estados Americanos para visitar êsses prisioneiros têm sido regularmente rejeitados.

A fantasia do Irmão Grande no 1984, de George Orwell, é realidade atualmente em Cuba. Em cada quarteirão da cidade ou em cada povoação há um Comitê de Defesa da Revolução. O Governo de Castro

já declarou que dois milhões de cubanos servem nesse sistema complexo de vigilância. Noite e dia êsses centros de contrôle tomam conta de todos e de tudo—os salários, os hábitos, as preferências de roupa e alimentação das pessoas. Pouco se pode fazer que o Comitê não descubra. “É notável”, disse-me confidencialmente um funcionário do govêrno. “Sabem até quantas gravatas eu tenho e de que côres.”

“**Veja, Amigo**”. Embora os bares estejam muito acima das posses da maioria, é impossível afastar os cubanos da rua à noite. Por isso, em Havana, vende-se sorvete barato em sorveterias mantidas pelo govêrno. Uma noite, mal eu havia acabado de sentar-me numa nova casa bem iluminada, um jovem negro se sentou numa cadeira vazia do outro lado da minha mesa. Fiquei encantado com isso, pois era uma oportunidade de sondar um daqueles que, segundo me haviam dito, mais tinham sido beneficiados com a revolução. Tinha um rosto simpático e cordial, usava uma camisa-esporte azul-clara, parecia seguro e próspero. Apresentei-me. Conversamos.

—Onde trabalha?—perguntei-lhe.

Carlos (não é êsse o seu verdadeiro nome) sorriu.

—Sou mecânico de automóveis.

Quando lhe perguntei quanto ganhava, respondeu:

—Quase 200 pesos por mês.

Mas de repente o rosto dêle ficou sério e êle perguntou:

—Gostaria de ver a minha casa?

Dez minutos depois, um táxi nos deixou numa rua quase deserta no bairro de Cerro. Comecei a sentir-me inquieto. Carlos me levou para um beco estreito. Estava escuro, mas eu conseguia ver as filas de barracos e sentir o cheiro azêdo da pobreza.

Teresa, mulher de Carlos, abriu a porta de um dos barracos. O lar onde viviam era um quarto de talvez quatro metros e meio por quatro metros e meio, com paredes rachadas e teto de madeira apodrecida. Uma cama e dois compridos catres ocupavam quase todo o espaço. Seis crianças dormiam nos dois catres sem travesseiros, nem lençóis. Os outros móveis: uma mesa desconjuntada, três cadeiras, um armário em mau estado, um bico de gás e uma lata de combustível.

—A vida é dura, amigo—disse Carlos, começando a abrir-se.

Confessou que não era verdade que estivesse empregado e ganhasse um bom salário. Havia trabalhado num serviço do govêrno até 1964, ganhando 150 pesos por mês. Pedira um aumento, que lhe fôra negado porque êle havia deixado de participar de atividades políticas. Dentro em pouco, fôra forçado a deixar o emprêgo.

—De vez em quando, encontro alguma coisa para fazer, como consertar um automóvel velho por 40 pesos.

Carlos falava livremente, enquanto Teresa escutava em silêncio.

—Meu primo conhece um funcionário da Reforma Urbana. Tem uma casa grande. Se eu tivesse entrado para o Partido, êles me teriam dado casa e trabalho. Mas eu não sou nem comunista, nem anticomunista. Só quero é viver em paz com meus filhos. Pode crer que eu odiava Batista. Quando houve a revolução, pensei que as coisas iam mudar para nós, negros. Mudaram, mas foi para pior. Entretanto, Castro alude na sua propaganda aos “progressos dos negros” e muita gente acredita nêle. O chefe do Comitê de Defesa já me chamou em várias ocasiões. Acho que vou acabar num campo de trabalho.

Havia mais. Falou sôbre comida e roupas para as crianças e sôbre o problema de conseguir remédio para um dos meninos, que sofre de asma.

—Foi por isso que quis que viesse à minha casa—continuou Carlos.—O senhor tinha de ver isto. Escreva sôbre nós. Faça o povo lá fora saber como nós vivemos em Cuba.

Corri os olhos pelas paredes rachadas, pelas crianças estendidas nos catres, pela pequena moldura que mostrava quatro fotografias deformadas de Carlos e Teresa no batizado dos filhos. Não esqueci, nem posso esquecer.

**Adeus Para Sempre.** “Cuba, como é bela Cuba. Quem a defende, ama-a ainda mais...” As notas do chá-chá-chá revolucionário podem ser ouvidas acima da algazarra do aeroporto. Encaminho-me para o

mesmo turbojato da Linha Aérea Cubana que me trouxe—um dos três que ainda funcionam. Dentro há apenas 10 passageiros.

Mas, de repente, começa a chegar gente, velhos e moços, que se ajudam uns aos outros. Alguns choram. Emigrantes. Esperavam havia mais de um ano o momento de deixar Cuba para sempre. Têm a fisionomia dos que cumpriram uma sentença, encarcerados, sob constante vigilância e regulamentação.

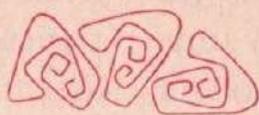
Isto são instantâneos de Cuba, sem retoque. Pouco consôlo oferecem aos homens livres. A doutrinação dos jovens está dando resultado, como o prova a nova geração que grita por Fidel. Mas há um senão: as mesmas multidões jovens que hoje gritam podem voltar-se mais tarde furiosamente contra o regime, como fizeram as da Itália de Mussolini. O mesmo se pode dizer da vasta máquina policial e militar. Ela pode devorar o homem que a criou.



QUANDO me hospedei, por duas noites, numa pequena fazenda, perguntaram-me se eu gostava de mingau. Confessei que tinha um fraco por mingau, mas fiquei encabulada, no dia seguinte, quando vi que era a única pessoa a ganhar um prato imenso de cereal fumegante. Delicadamente, censurei a mulher do fazendeiro por ter tido tanto trabalho por minha causa.

—Não foi trabalho algum—respondeu ela, animada.—De qualquer modo, eu tinha de fazê-lo para o porco.

—P. A. J.



### *Casa Velha*

NA SUA casa há uma janela que não fecha, e você espera que os ladrões nunca descubram isso? . . . uma lâmpada trifásica com uma fase só funcionando? . . . um rádio de MA-FM em que só a FM funciona, e só quando a gente bate nêle? . . . uma maçanêta que roda e roda, mas não abre a porta? . . . um ponto no seu gramado que devora semente, água e dinheiro, mas se recusa a dar grama? . . . uma torneira que fica pingando o tempo todo quando você não está conseguindo dormir? . . . uma lâmpada num quarto que só acende quando a gente puxa a corrente de um certo jeito? . . . então você não tem apenas uma casa—tem um lar!

—Caricatura de Dik Browne e Mort Walker, King Features